



ISSN: 2595-5713
Vol. 04 | N°. 7 | Ano 2021

Anselma Garcia de Sales

PROVISORIEDADE, NEUTRALIDADE POLÍTICA E NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA: O IMIGRANTE ARGELINO NO FILME SAMBA

PROVISIONALITY, POLITICAL NEUTRALITY AND DENIAL
OF EXISTENCE: THE ALGERIAN IMMIGRANT IN THE
SAMBA FILM

RESUMO: Considerando a atualidade dos estudos sobre a imigração desenvolvidos pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, o presente artigo tem como objetivo a análise das noções de provisoriedade e neutralidade política na explanação feita pelo autor acerca das três idades emigratórias de argelinos para a França. Assim, a partir do exame da dimensão temporal da migração argelina, este artigo pretende também abordar a relação entre essas noções e a negação da identidade argelina efetuada pela personagem Walid, do filme Samba, lançado na França, em 2014. Desse modo, esta reflexão se propõe a discutir tanto a atualidade de um imigrante argelino na França como a manutenção das antigas contradições que permeiam tal tipo de migração.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; Argélia; França; Cinema Francês; Identidade.

ABSTRACT: Considering the current studies on immigration developed by the Algerian sociologist Abdelmalek Sayad, this article aims to analyze the notions of provisionality and political neutrality in the author's explanation of the three emigration ages of Algerians to France. Thus, from the examination of the temporal dimension of the Algerian migration, this article also intends to address the relationship between these notions and the denial of the Algerian identity made by the character Walid in the film Samba, released in France in 2014. Thus, this reflection proposes to discuss both the current situation of an Algerian immigrant in France and the maintenance of the old contradictions that permeate this type of migration.

KEY WORDS: Immigration; Algeria; France; French Cinema; Identity.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre Antônio Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

PROVISORIEDADE, NEUTRALIDADE POLÍTICA E NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA: O IMIGRANTE ARGELINO NO FILME SAMBA

Anselma Garcia de Sales ¹

Introdução

O sociólogo Abdelmalek Sayad (1933-1998), em sua análise acerca das condições migratórias de argelinos para a França, instituiu como chave central de sua interpretação o elemento da provisoriedade que, segundo o autor (ele próprio um emigrante argelino que se radicou na França), permearia a vida dos imigrantes enquanto um paradoxo existencial relativo à situação de permanência em terra estrangeira.

O caráter da provisoriedade, descrito pelo sociólogo em sua obra *A Imigração ou Os Paradoxos da Alteridade* (coletânea publicada em 1991 na França que reúne textos escritos entre 1975 e 1988),² advém de uma nova abordagem do fenômeno migratório no qual são desvendadas as ilusões próprias da condição de imigração. Assim, sendo uma dessas ilusões a presença ou a ausência provisória, ou seja, a ausência no local de origem (emigração) e a presença no local externo (imigração), tal relação dialética, verificada pelo autor a partir de uma análise das condições histórico-sociais distintas do fenômeno migratório, resultou numa permanência de fato.

Desse modo, a partir da constatação da permanência de fato, tanto da ausência no local de origem quanto da presença na sociedade receptora, Sayad introduz também em sua análise sobre a imigração a ilusão da neutralidade política, que anunciada pelo pretexto do trabalho como principal indutor da emigração, nega as implicações políticas das relações de poder desiguais entre a sociedade de emigração e a de imigração.

Sayad descreve então, a partir dessas duas ilusões, o caráter exemplar da imigração argelina na França, que nasce sob o propósito de emigração temporária a trabalho e se transforma, posteriormente, em um tipo de imigração mais duradoura, que por sua vez, numa terceira etapa, assume um formato de imigração de povoamento na sociedade receptora.

Assim, Sayad ressalta que à medida em que a presença do emigrante se intensifica na sociedade de imigração, os estudos desenvolvidos sobre o fenômeno migratório tendem a abordá-lo em termos de “problemática”, na qual se destacam as medidas sócio-políticas relativas às demandas de acolhimento do trabalhador estrangeiro como também as questões que envolvem as demais condições de vida a serem oferecidas a ele (SAYAD, 1998).

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Árabes da FFLCH/USP. anselmasalles@gmail.com

² Publicado em 1998 pela Editora da USP com tradução de Cristina Murachco.

Porém, de acordo com o sociólogo argelino, essa “problemática” conferida pelo discurso científico ou político no tratamento do imigrante ou da imigração está fadada à banalidade superficial, uma vez que a imigração é um “fato social completo” que, embora percebida como tal pela maior parte da comunidade científica, requer por parte do analista a formulação de um itinerário epistemológico no qual inúmeras disciplinas devam confluir, tais como: Economia, Direito, Sociologia, Geografia, História, Demografia, Linguística, Sociolinguística, Antropologia e quantas outras forem necessárias à abordagem do fenômeno na sua complexidade.

Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, ou seja, grosso modo, a demografia e a geografia, e principalmente porque esta, ao tratar da ocupação dos territórios e da distribuição da população, inclina-se a anexar aquela - não é por nada que a demografia é uma questão, em parte, dos geógrafos e, em parte, dos historiadores. Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) etc. Cada uma dessas especificações e cada uma das variações dessas mesmas especificações podem ser objeto de uma ciência particular (SAYAD, 1998, p. 15).

Entretanto, como “fato social completo”, discutir a imigração segundo Sayad, implica abordar a sociedade na sua totalidade diacrônica, ou seja, considerando os apontamentos históricos, políticos e demográficos que impactaram a França a partir da presença massiva de imigrantes provisórios, que por sua vez se tornaram permanentes. Nesse sentido, a abordagem da complexidade da imigração implica também a compreensão sincrônica do fenômeno, na qual se considera o parecer das estruturas da sociedade de imigração bem como o seu funcionamento em virtude do acolhimento do emigrante.

Contudo, Sayad desenvolve um método analítico que se propõe a dar conta desse “fato social total” sem considerá-lo como um mero objeto: “Como fazer uma sociologia do “pequeno” sem que essa sociologia seja “pequena”?” (SAYAD, 1998, p. 22). Assim, o pesquisador argelino descreve a imigração, suas ilusões ou os paradoxos da alteridade, a partir do relato de um emigrante da Cabila (região rural montanhosa localizada no norte da Argélia, da qual o próprio Sayad é originário).

Ao lançar mão dessa metodologia, Sayad assume o papel de um “escrivão público” (denominação de Pierre Bourdieu), através da escuta dos próprios sujeitos implicados em seu estudo sobre a contribuição histórica da imigração argelina na França, conferindo dignidade e humanidade a esses indivíduos como também os destituindo da concepção de problema social que até então vigorava nas pesquisas ortodoxas acerca da imigração (DIAS, 2020).

Portanto, dada a atualidade de sua teoria sobre a imigração e considerando o fato de que a emigração de argelinos para a França é ainda um fenômeno em curso, este artigo tem como objetivo apresentar as relações entre as noções de provisoriedade, neutralidade política e negação da existência na abordagem da personagem Wilson (Walid) no filme *Samba*, lançado em 2014, na França.

Porém, antes da reflexão acerca da negação da existência argelina apresentada pelo filme, as noções de provisoriedade e neutralidade política serão expostas na análise de Sayad relativa ao percurso temporal da emigração argelina, propiciando, no posterior exame da peça cinematográfica a discussão da manutenção ou da modificação desses elementos na imigração do século XXI.

As três etapas da imigração argelina para a França

Os estudos de Abdelmalek Sayad relativos aos três momentos distintos da emigração argelina para a França foram reunidos no manuscrito publicado em 1977, denominado de *As três idades da emigração*. O levantamento dessas três dinâmicas distintas da emigração argelina revela, segundo o autor, os efeitos do colonialismo e do pós-colonialismo francês que impactaram as diversas gerações de argelinos na sua relação com a sociedade de origem e a sociedade de imigração (SAYAD, 1998).

Assim, a primeira geração de emigrantes argelinos foi composta, em sua maioria, por homens relativamente jovens que ainda mantinham fortes laços com a sociedade de emigração devido à sua identidade camponesa. Esta primeira geração de emigrantes partiu para a França predominantemente entre os anos de 1930 e 1950, e o perfil desse emigrante foi caracterizado por Sayad como: “aquele a quem ele se louvou porque sabia como permanecer o autêntico camponês (*bou-niya*) que ele era, deve ficar claro que ele poderia apoiar seu novo status de emigrante e continuar, apesar do exílio, vivendo e pensando como um verdadeiro camponês” (SAYAD, 2010, p. 63).

Dado esse caráter de ligação com a terra, essa primeira etapa de emigração foi marcada pela solidão e pela temporalidade, pois, de acordo com o autor argelino, o tempo de permanência desses homens na França estava condicionado às necessidades do trabalho agrícola e às exigências da vida cotidiana do campo. Desse modo, Sayad define a primeira idade de migração como *ordenada*, uma vez que pouco impacto causou na organização espacial e temporal do campo.

Porém, a despeito dessa regularidade na organização social do campo, a imigração causava uma “desposseção” identitária nos homens escolhidos para emigrar, porque, apesar de

temporária, este tipo de migração obrigava os camponeses a retornar sucessivas vezes para a França que, neste momento, os concebia apenas como trabalhadores temporários. É o que afirma Sayad, a partir da análise do depoimento de um jovem de 21 anos Mohand A., um camponês da Cabila na França:

Não só a duração das estadias fora do país se torna cada vez mais longa ela é às vezes superior a dez anos) e se realiza de forma quase contínua (são muitos os emigrantes que, no intervalo de uns vinte anos, voltaram para a aldeia apenas uma ou duas vezes e somente durante suas férias anuais) como também é a própria condição de emigrante que tende a se tornar permanente e, assim, o estatuto do emigrante se estabiliza. Com efeito, somente na categoria dos emigrantes mais jovens, que chegaram pela primeira vez à França a partir de 1946 (a média de idade na época da primeira emigração era muito baixa: o mais velho tinha menos de 24 anos), sobre o total de 34 homens que podemos contar hoje (exceção feita aos emigrantes falecidos nesse meio tempo, todos os falecimentos ocorridos na França), apenas cinco voltaram definitivamente para sua terra; aliás, três deles fixaram-se, após sua volta para a Argélia, nas cidades (SAYAD, 1998, p. 41).

Esta análise de Sayad aponta para um contexto social fortemente marcado pela emigração, no qual seus depoentes expõem o mecanismo através do qual a imigração se reproduz, denominado por Sayad de *elghorba*. A *elghorba* consiste na abordagem da imigração em sua verdade original, desmentindo, portanto, o caráter de provisoriedade, bem como o de neutralidade política.

O sociólogo argelino apresenta então uma versão dos depoentes na qual a imigração é reproduzida enquanto uma experiência, ao mesmo tempo em que, alienada, como também mistificada. Essa ambivalência cumpre, de acordo com o autor, uma função social importante que é a de projeção de uma idealização da imigração que não se confirma diante da preeminente necessidade econômica do ato de emigrar e permanecer cada vez mais tempo na sociedade receptora (SAYAD, 1998).

Assim, na experiência do emigrante são constatadas duas verdades inconciliáveis, como não pode se eximir de emigrar, tende a esconder seus efeitos nefastos, tanto os da dura vida na sociedade de imigração quanto os da desintegração da sociedade original, para a qual, caso retorne, se percebe obrigado a permanecer nas cidades.

A quase obrigatória fixação dos retornados nas cidades é decorrente da política colonial francesa adotada entre as décadas de 1950 e 1960, que teve como consequência a desestruturação da sociedade rural, cujo impacto sobre o *ethos* do campesinato provocou o desaparecimento do *bou-niya* e da migração *ordenada*.

Essa modificação influenciou na constituição do perfil da segunda geração de emigrantes, constatada por Sayad durante a execução de uma pesquisa de campo que o autor desenvolveu

junto a Pierre Bourdieu (1930-2002) entre os anos 1959 e 1962, ou seja, entre os anos de acirramento do conflito pela Independência da Argélia, conquistada em 1962.

Os anos que precederam o início da pesquisa de Sayad e Bourdieu foram marcados por um fervor revolucionário que clamava por igualdade social e distribuição de terras. O auge desse processo foi 1957, quando a luta armada se intensificou pelo controle de Argel, ao mesmo tempo em que ocorria no campo um deslocamento em massa da população. Em 1958, com a vitória da Frente de Libertação da Nacional (FLN), foi proclamado o “Governo Provisório da República Argelina”, fato que coincidiu com o fim da Quarta República na França e a ascensão de Charles de Gaulle (1890-1970). O presidente De Gaulle tentou suprimir num primeiro momento a ação emancipatória dos rebeldes, porém, à medida em que a luta armada foi se acirrando, o governante se viu obrigado a negociar um cessar-fogo, mediante assinatura de um acordo de Independência da Argélia, efetuado em março de 1962 (HOURANI, 2006).

E é nessa tensa situação em que Bourdieu e Sayad se encontram para realizar um trabalho de campo em plena zona de guerra, na qual a mobilidade era extremamente controlada devido aos postos militares, estradas bloqueadas e o risco iminente de morte. Tamanho era esse risco, que chegou a vitimar o estudante de medicina Hénine Moulah (membro da equipe de Sayad encarregado do levantamento de dados sobre os deslocamentos compulsórios), assassinado, em 1960, por membros do grupo paramilitar francês denominado de Organização Armada Secreta (OAS).

A despeito das dificuldades, Bourdieu e Sayad conseguiram desenvolver na ocasião uma etnosociologia que denunciou a suposta missão pacificadora da França como uma ação que teve como objetivo principal “desenraizar” e dismantelar qualquer possibilidade de organização anticolonial nas áreas rurais da Argélia, resultando no deslocamento forçado de milhões de camponeses para as ditas áreas de reagrupamento (DIAS, 2020).

Desse modo, a relação de manutenção das famílias passou a aderir ao formato monetário no lugar das antigas práticas de trocas rurais, assim, a geração mais nova viu-se forçada a emigrar como possibilidade única de garantia da sobrevivência, uma vez que toda a sustentação do campo havia sido desestruturada. De acordo com Bourdieu e Sayad, “o campesinato argelino encontrava-se de fato em meio a um processo catastrófico” (BORDIEU; SAYAD, 2006, p. 44).

Entretanto, a busca pela sobrevivência na França não teve como motivação exclusiva, nessa segunda geração imigratória, o trabalho. A desagregação do espaço rural como medida da empresa colonial conferiu ao caráter emergencial dessa etapa de imigração um aspecto politicamente marcado, ao contrário da suposta neutralidade política constatada na primeira geração.

Assim, jovens com acúmulo de uma significativa experiência de privação material nas áreas urbanas da Argélia vislumbravam a França como um caminho único para o atendimento de suas aspirações individuais de progresso financeiro. Dessa forma, essa segunda idade da emigração argelina rompe com o *ordenamento* da geração anterior, provocando intensas transformações na sociedade de emigração que culminou no deslocamento de núcleos familiares inteiros para a França (SAYAD, 2010).

A sociedade receptora, portanto, dado o aumento e diversificação da terceira onda imigratória, não poderia mais ignorar esse novo tipo de sociedade que passou a constituir a paisagem urbana francesa, estando numericamente presente, sob o formato de núcleos familiares, em quase todas as grandes cidades da França.³

Desse modo, essas numerosas comunidades étnicas passaram a demandar por parte do governo francês políticas específicas para seu acolhimento e manutenção, fato que inaugura a temática da busca por direitos gerando leis, acordos e discussões sobre a inclusão dos imigrantes na cidadania por meio da seguridade, educação, dentre outros aspectos. No que se refere à moradia, por exemplo, esta demanda foi atrelada à possibilidade de o imigrante conseguir trabalho. Assim, foram concedidas aos primeiros trabalhadores, percebidos como provisórios, cujas moradias também eram provisórias, sendo denominadas de *Habitation a Loyers Moderes* (HLM), além de vagas em hotéis e alojamentos temporários (SAYAD, 2014).

A moradia do tipo HLM surgiu na França a partir dos anos 1950, como resultado de uma política governamental que tinha como objetivo reduzir o déficit habitacional através de uma parceria público-privada. Assim, o governo emprestava um capital a juros baratos às empresas de construção civil que ficavam responsáveis pela construção de moradias de aluguel de baixo valor. A maior parte desses empreendimentos, largamente ocupados por imigrantes, foram construídos nas periferias das grandes cidades francesas, aumentando, desse modo, a sensação de isolamento e desintegração espacial da classe trabalhadora empobrecida (VILAIN, 2009).

O imigrante, portanto, torna-se um isolado e um aprisionado em uma nova relação colonial, que não é suspensa após a Independência da Argélia. Agregada a essa indefinição espacial, soma-se a indefinição temporal constatada pelo caráter existencial da provisoriedade. A provisoriedade consiste numa contradição, uma vez que aquilo que era provisório tende a se prolongar, ao mesmo tempo em que tal percepção duradoura tende a ser vista também como provisória. Assim, o elemento ilusório da provisoriedade, resultante da também ilusória negação política da emigração, produz um sujeito deslocado (DIAS, 2020).

³ Evolução da imigração familiar argelina. Número de famílias: 1969:183; 1972:1685; 1974:2317; 1975: 1744; 1976: 2590; 1977: 2748; 1978:2542 Número de pessoas: 1974: 5663; 1975: 4249; 1976: 5832; 1977:6365; 1978: 5565 (SAYAD, 1998, p. 68).

No filme *Samba*, o deslocamento do imigrante argelino atinge seu ápice na negação de sua própria existência como um ser oriundo de uma específica sociedade de emigração. O argelino na obra cinematográfica torna-se então um não-ser, resultante da primordial negação da sociedade francesa em demonstrar capacidade para acolher os trabalhadores estrangeiros que há tempos reivindicam sua cidadania. Desse modo, dois processos de negação se confluem, primeiro a sociedade de imigração nega direitos de cidadão ao indivíduo não-francês há muito estabelecido naquela sociedade, em seguida como resposta a esta condição social de marginalidade e invisibilidade imposta, o imigrante passa a negar-se a si mesmo.

O imigrante argelino no filme *Samba*

O filme *Samba*, lançado em 2014, na França, dirigido e escrito por Eric Toledano e Olivier Nakache, retrata as dificuldades e perspectivas dos imigrantes Samba (Omar Sy) e Wilson (Tahar Rahim) em suas inúmeras tentativas de integração cidadã na sociedade de imigração. Na França, ambos se encontram em situação irregular. Assim, suas condições de imigrantes *saint-papiers*, confere-lhes uma série de obstáculos para conseguirem emprego, como também para se manterem longe da polícia, evitando, desse modo, a prisão e a consequente imposição de uma ODTF, ou seja, a obtenção de uma determinação formal que consiste na “obrigação de deixar o território francês”.

Samba é senegalês e está na França há dez anos; durante essa estadia obteve diversas permissões para trabalhar, no entanto, devido à prescrição do prazo para renovar seu último visto de trabalho, cujo aviso foi prejudicado pelo fato de a correspondência não ter sido entregue na “favela” (*banlieue*) dos imigrantes, Samba se tornou um ilegal. Já a condição do imigrante Wilson sequer é detalhada no filme, uma vez que a personagem se apresenta como brasileiro.

Os imigrantes ilegais ou os *saint-papiers* tiveram sua visibilidade reconhecida a partir de uma série de protestos ocorridos no final dos anos 1990, cujo estopim foi a ocupação da igreja de *Saint Ambroise* em Paris, em 18 de março de 1996, por mais de 300 africanos do Mali, Senegal e Mauritânia. Esses manifestantes exigiam a regularização de sua situação ilegal e, a partir dessa grande mobilização que teve enorme repercussão na mídia e em demais espaços do debate público, passaram a ser denominados de *saint-papiers*, termo que substituiu a antiga denominação de *clandestinos* (VIEIRA, 2012).

As dificuldades de regularização encontradas pelos imigrantes a partir dos anos 1990 foram decorrentes das medidas adotadas pelo Estado francês que ficaram conhecidas como *Lois Pasqua*, em alusão a seu autor Charles Pasqua (1927-2015), Ministro do Interior da época, de filiação direitista. Essas leis tiveram como objetivo principal coibir a imigração ilegal e baseadas

no princípio de uso do direito de autodeterminação da comunidade, como defesa contra aqueles que empreendiam uma ameaça aos valores republicanos da sociedade francesa, reinterpretaram os preceitos de igualdade, reivindicados pelos imigrantes, como argumento para exclusão dessas minorias (REIS, 1999).

Assim, imigrantes como Samba e Wilson, em pleno século XXI, encontram dificuldades para a regularização de suas situações de *saint-papiers*, porque, mesmo após a ascensão de governos moderados ou socialistas na França, o tradicionalismo da direita e da extrema-direita tem feito pressão sobre o parlamento de modo a inviabilizar a modificação das leis, impedindo que elas avancem em termos de medidas que viriam a garantir a integração cidadã de fato aos imigrantes (VIEIRA, 2012).

Desse modo, tentando sobreviver na clandestinidade, Samba e Wilson se encontram pela primeira vez numa enorme fila de serviços burocráticos destinados a imigrantes, e se aproximam numa outra oportunidade durante uma triagem de trabalhadores para o serviço de limpeza de janelas de edifícios. Neste tipo de trabalho, considerado leve, imigrantes negros costumam ser preteridos, mas Wilson mente ao recrutador dizendo que ambos já possuíam experiência no ramo, assim acabam sendo aceitos.

Wilson tenta esconder sua angústia e desespero no estereótipo do brasileiro sempre alegre e galanteador, identidade que lhe permite dançar (ao som de *Palco*, de Gilberto Gil) durante o trabalho, se divertir na festa do Centro de Apoio ao Imigrante e assediar as moças numa língua mais próxima do espanhol do que do português.

A máscara de brasileiro cai, quando Samba e Wilson são obrigados a fugir da polícia enquanto limpavam as janelas de um elegante prédio residencial no centro de Paris. Na fuga, ao tentarem entrar por uma das janelas trancadas, Wilson avista dentro de um apartamento uma empregada doméstica com feições familiares do Magreb, assim, imediatamente lhe profere dizeres desesperados em língua árabe fazendo com que a moça abra a janela e permita o acesso de ambos a um corredor, através do qual poderiam sair do edifício pelo telhado.

Do alto do prédio, ambos contemplam a inacessível Paris e Samba pergunta a Wilson se a capital do Brasil era Argel, ao que Wilson responde que seu nome era Walid, nascido em Orã, segunda maior cidade da Argélia depois da capital Argel. A revelação de Walid aponta as condições distintas dos *sain-papiers*, que, não sendo uma classe homogênea, enfrentam de forma diferente sua situação de clandestinidade, o argelino prefere esconder sua identidade, enquanto o senegalês a assume através da tentativa de legalização de sua permanência na França.

Assim, após a revelação, a dupla segue para o prédio onde Walid mora, sendo surpreendidos no hall de entrada por um morador idoso que cobra do argelino um novo reparo de sua pia, informando-o que o primeiro conserto não funcionou uma vez que a água continuava a

vazar. Walid outrora também tentara consertar o encanamento do banheiro de Alice (a quase namorada de Samba, voluntária na ONG dos imigrantes), porém o resultado disso foi que a moça quase surtou com a piora no vazamento da torneira. Um outro segredo do falso brasileiro é descoberto por Samba e Alice quando Manu, advogada da ONG, aparece e começa a beijar Walid. Alice então cobra de Manu uma explicação para a atitude incoerente da amiga, pois a mesma havia aconselhado Alice a não se envolver com os imigrantes, porém, Manu diz que não consegue resistir aos encantos dos sul-americanos.

Constata-se nessas inúmeras fraudes de Walid, enquanto falso encanador, falso trabalhador experiente e falso brasileiro, sua tentativa de ajuste a uma sociedade na qual sua identidade verdadeira não tem valor algum, ora por denunciar sua falta de especialização para determinados trabalhos, ora por revelar sua existência marcada por uma ferida colonial ainda não fechada.

Assim, tornar-se brasileiro na sua trágica permanência na sociedade receptora amplia o mascaramento da verdade relativa à imigração, ou seja, num momento anterior, o imigrante argelino poderia lançar mão da ilusão da provisoriedade, ao mesmo tempo em que sua condição seria vista pela França como a de trabalhador temporário. Agora, essas ilusões não possuem mais razão para existir, uma vez que há décadas, a permanência dos imigrantes em território francês vem sendo percebida, assim como também, no presente momento, o subterfúgio da emigração a trabalho não faz mais sentido, justamente por não haver mais trabalho para todos.

Desse modo, a personagem Walid apresenta um original mecanismo de reprodução da imigração argelina, não mais fundado na sua tensa presença em território francês justificada pela histórica negação de seus conterrâneos. Esse mecanismo surge no filme através de uma transmutação da identidade, na qual se apaga totalmente a memória da imigração ruim, de trabalhadores colonizados e das implicações políticas inerentes à relação entre França e Argélia. Assim, sua original *elghorba* é materializada na negação da verdade da imigração argelina através de seu apagamento, assumindo a partir de então uma identidade brasileira mais suscetível à neutralidade política e à provisoriedade (SAYAD, 1998).

Portanto, na adoção dessa nova identidade brasileira, Walid reelabora a ilusão de provisoriedade construindo uma ficção pessoal de que está na França exclusivamente para ganhar uns trocados e se divertir e, sendo brasileiro, a neutralidade política dessa identidade relativa à França se torna muito conveniente, uma vez que apagando sua existência argelina, ele se exime da obrigação de cobrar (ou pagar) a fatura histórica da humilhação colonial. Assim, Walid reencarna o mito do amante latino como possível estratégia para conseguir uma mulher que pudesse lhe conferir futuramente a tão sonhada permanência regularizada na França. Trata-

se de uma original abordagem da dupla ausência, a Argélia não existe mais e ele, enquanto argelino na sociedade de imigração, também deixou de existir como tal:

A “dupla ausência” constitui, de fato, o paroxismo de qualquer *ghorba* – *ghorba* na presença e na ausência, no antes, durante e depois – , a *ghorba* definitiva que, mesmo se fingindo de provisória, encarna a totalidade do mal-estar-no-mundo específico do migrante: afastamento, isolamento, impotência, direitos negados, memória enfraquecida, voz ignorada, olhar desprezado etc. Quadro geral de desamparo e desolação que acaba desembocando no longo processo de desrealização do “espaço social” do sujeito migrante e sua conversão em “espaço nostálgico” – entendido enquanto um lugar aberto a todas as nostalgias, carregado de emoção e afetividade (ELHAJJI; ESCUDERO, 2020, p. 170).

Contudo, a personagem Walid, da qual no filme pouco se sabe a seu respeito, subverte o método humanizador de Sayad que confere um novo nascimento ao imigrante através do resgate de sua história e de sua dimensão política, negadas sistematicamente por um longo tempo pela sociedade receptora. Assim, Walid, ao adotar a estratégia de apagamento de sua existência argelina trocando-a por uma identidade brasileira, tenta também, dessa forma, se humanizar.

Portanto, a escolha de uma outra história e roupagem política é uma medida à qual Walid adere, ainda que frágil e insustentável, de tentar tornar sua condição permanente de imigrante argelino na França menos desintegrante do ponto de vista social e, logo, menos trágica.

Considerações Finais

As inúmeras contradições e as diversas situações que motivam os processos migratórios, ao serem detalhadamente consideradas pelo sociólogo Abdelmalek Sayad, transformaram o campo de estudos relativos à imigração. A etnosociologia desenvolvida por Sayad, a partir da escuta e da análise de experiências concretas de imigrantes, trouxe à tona uma gama de situações e pareceres individuais e coletivos que auxiliaram na construção de um verdadeiro tratado acerca de qualquer dinâmica migratória.

Assim, enquanto processo particular ou generalizado, a imigração na abordagem do sociólogo argelino se configura como um fato social completo, no sentido em que exige para sua análise a confluência de diversas disciplinas que abrangem os fatos sociais. Essa abordagem é necessária, segundo o autor, em razão de a imigração não ser compreendida apenas como um deslocamento de pessoas em um dado espaço físico; e por este espaço comportar uma série de sentidos culturais, políticos, históricos, linguísticos, psicológicos, dentre outros, esses elementos devem ser levados em consideração na descrição do fenômeno da imigração como um todo (SAYAD, 1998).

No caso específico da imigração argelina, a análise de Sayad acerca das três etapas da dinâmica temporal desse tipo de imigração consistiu não apenas em uma descrição de como esse processo se deu ao longo do tempo e do espaço, mas teve como intuito principal o estabelecimento de uma reflexão detida sobre esse processo considerado na sua complexidade.

Desse modo, Sayad analisa que ao longo de três gerações a emigração argelina passou pela etapa da transição, mutação e adaptação, na qual se constatou que da primeira para a terceira idade o *ethos* camponês cedeu definitivamente lugar ao *ethos* urbano, este já existente na sociedade de emigração mesmo antes de fixar-se na sociedade receptora. A mutação ocorrida na transição do rural para urbano aponta para uma adaptação desse fenômeno migratório em termos de desconstrução das ilusões de provisoriedade e transitoriedade política.

A ilusão da presença ou da ausência provisória, tanto relativa à ausência no local de origem ou à presença no local externo, (associada, respectivamente, à emigração e à imigração) foi identificada pelo autor a partir de sua análise acerca das condições histórico-sociais diversas do fenômeno migratório, na qual o sociólogo argelino constatou como resultado das mutações espaço-temporais a permanência do imigrante na sociedade receptora.

Contudo, ao constatar a permanência de fato, tanto da ausência no local de origem quanto da presença na sociedade receptora, Sayad acrescenta em seu estudo sobre a imigração um outro elemento, a ilusão da neutralidade política. Essa ilusão impôs às partes da relação migratória um tipo de argumento falacioso no qual o trabalho era apontado como o principal indutor da emigração, omitindo, desse modo, os aspectos políticos inerentes às relações de poder desiguais entre a sociedade de emigração e a sociedade de imigração.

O subterfúgio do trabalho como indutor exclusivo da imigração funcionou num primeiro momento observado no pós-Segunda Guerra como uma política de interesse da França, que necessitava naquele momento de um arsenal de trabalhadores para a reconstrução do país e retomada do processo de industrialização. Nas décadas subsequentes, sobretudo após as crises do capitalismo que provocaram uma constante desaceleração na economia, as leis francesas procuraram conter o fluxo migratório através de medidas austeras que puseram na ilegalidade milhares de imigrantes estabelecidos no país há décadas (VIEIRA, 2012).

No filme, este é o caso de Samba, imigrante senegalês, que após uma década na França, de repente se torna um ilegal, impedido de renovar seu visto por causa das novas regras que inviabilizavam o recebimento do aviso de renovação (nas habitações dos imigrantes, as ditas *banlieues*, a correspondência não chega). O caso de Walid é ainda mais grave, pois, sem família ou referência alguma na França, ele é obrigado a assumir uma nacionalidade neutra, a de brasileiro, no lugar de revelar sua “embaraçosa” identidade argelina.

A posse dessa nova identidade exige que Walid seja inscrito na “problemática” da imigração argelina na França. Assim, sem o pretexto da provisoriedade ou da neutralidade política, impraticáveis no século XXI, Walid adota como mecanismo de reprodução de seu processo migratório particular a dupla negação, nega a terra natal e sua filiação a ela. Portanto, a adoção da identidade brasileira poderia conferir a ele, ainda que de modo absolutamente frágil, a possibilidade da provisoriedade e da neutralidade política, uma vez que assumira uma nacionalidade isenta das pendências políticas oriundas da memória da relação colonizador-colonizado entre França e Argélia.

Sua *elghorba*, portanto, é construída na negação de sua real existência e na substituição da verdade da imigração por uma série de mentiras, que tentam ofuscar sua condição marginalizada, mas que na realidade denunciam sua situação de trabalhador desqualificado a quem a cidadania lhe é negada sistematicamente.

Desse modo, a reflexão sobre a imigração argelina contemporânea apresentada pelo filme *Samba*, além de propiciar a compreensão do fenômeno migratório na atualidade, possibilita também o (re)conhecimento das novas e velhas contradições inerentes às experiências sociais que remetem tanto à sociedade de emigração quanto à sociedade receptora.

Portanto, o filme confere, mais do que a atualização do debate acerca da imigração, uma visão original das estratégias de sobrevivência adotadas pelos imigrantes no século XXI. No caso específico de Walid, *Samba* apresenta e problematiza as tentativas de humanização da personagem frente à desintegração progressiva da identidade do imigrante argelino na França.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, Pierre.; SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o saber cultural. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 2, n. 26, p. 41 - 60, 2006.

DIAS, Gustavo. Da objetificação à humanização: uma leitura crítica sobre o conceito de imigrante na obra de Abdelmalek Sayad. In: DIAS G.; BÓGUS, L; PEREIRA, J.C.A.; BAPTISTA, D. (orgs.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad (recurso eletrônico)**. São Paulo: EDUC, 2020.

ELHAJJI Mohammed; ESCUDERO Camila. Sentidos e expressões da noção de *ghorba* na obra de Abdelmalek Sayad. In: DIAS G.; BÓGUS, L; PEREIRA, J.C.A.; BAPTISTA, D. (orgs.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad (recurso eletrônico)**. São Paulo: EDUC, 2020.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REIS, Rossana Rocha. Políticas de Nacionalidade e Políticas de Imigração na França. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 14, n. 39, p. 118 - 138, fevereiro/1999.

SAYAD, Abdelmalek. **La double absence – des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré**. Paris: Seuil, 2014.

_____ **A Imigração. Ou os Paradoxos da Alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

VIEIRA, Rosa Cavalcanti. Os sans-papiers alcançam o espaço público: a ilegalidade no cerne das discussões. **MÉTIS: história & cultura** – v. 11, n. 22, p. 197-218, jul./dez. 2012.

VILAIN, OLIVIER. França: o déficit permanente da moradia. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 5 de abril de 2009. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/franca-o-deficit-permanente-da-moradia/>>. Acesso em: 29 de jun. de 2021.

Documentos

SAMBA. Direção de Eric Toledano e Olivier Nakache. Paris: Gaumont, 2014. 1 DVD (118 min.).

Recebido em: 03/02/2021

Aprovado em: 24/05/2021